



# Gaiato



Quinzenário • 16 de Dezembro de 1989 • Ano XLVI — N.º 1194 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NATAL

«Eu canto para sempre a bondade do Senhor». São palavras da festa do Natal.

É a alegria do coração que sai fora de si, diante de tamanha maravilha.

Quem dera que todas as pessoas pudessem dizê-la com muita sinceridade! Mas não. É que o Natal mostra a fidelidade do Senhor para com todos e cada um. A Sua bondade leva-O a descer e a fazer-Se menino para que todos os meninos tenham a alegria duma família:

— Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho!

Uma família O acolheu. Teve mãe que O esperou com amor e O amou até ao fim. Um pai adoptivo cuidou d'Ele com a dedicação extrema do pai segundo a carne.

Todos os filhos dos homens têm direito a ser acolhidos e a viver em família. Assim não acontece, entretanto. A bondade falha. O amor fiel que garante a unidade e a felicidade do lar, rompe-se.

Se podemos cantar «a bondade do Senhor» e anunciar «de geração em geração a Sua fidelidade» já não podemos dizer o mesmo a nosso respeito.

Falhamos, muitas vezes. Vejo na festa de Natal o momento forte que chama todos à partilha da vida, ao jeito da família:

Para que seja cada vez mais unida;

Para que o amor fiel não volte atrás e perdoe sempre;

Para que dê aos filhos o ambiente que os torne felizes e equilibrados;

Para que seja aberta e acolhedora aos que buscam calor humano;

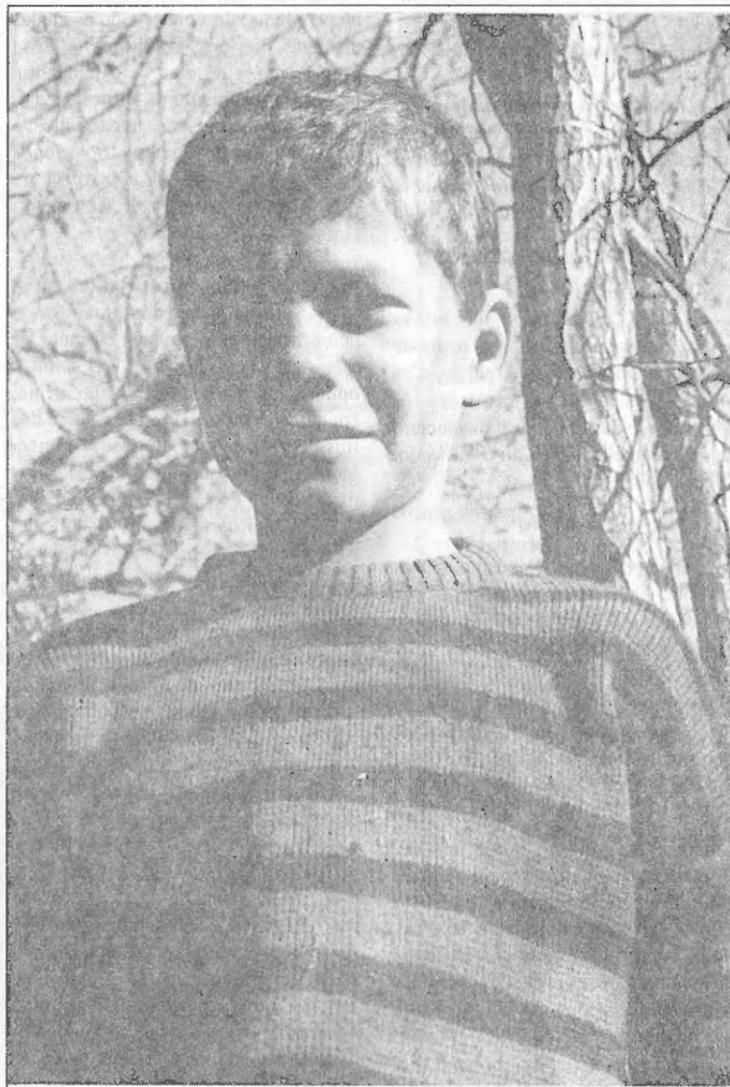
Para que reparta com os mais pobres de amor e de pão.

Ao olhar para o rosto do Nandinho, espelho da alegria do Natal, «canto para sempre a bondade do Senhor» que pôs no seu caminho a Casa do Gaiato para o arrancar da miséria da rua, do abandono e da falta de família.

Ao ter que dizer não a dois pequeninos de quatro e cinco anos, que buscavam a Casa do Gaiato, há três dias, assumo a serenidade da Mãe que procurou um lugar na estalagem de Belém, para dar à luz o Seu menino e não encontrou lugar. Estes dois meninos têm lugar, mas não têm mãe para eles. Seguiram o seu caminho, de volta, até que o Natal aconteça no coração de mulheres, ao jeito do coração de Maria.

O Natal!

Padre Manuel António



A alegria do Nandinho expressa e testemunha a Boa Nova natalícia nas comunidades da Obra da Rua — dedicada desde o princípio ao Santíssimo Nome de Jesus.

## REFLECTINDO

### Difícil escalar as encostas rochosas...

• Encontrei-a numa rua de Miragaia, meio espavorida. Julguei que tivesse bebido; mas, não. Agarrou-me as mãos e, suplicante, pediu para ir com ela ao tribunal por causa do filho. Este tinha sido preso e, nesse dia, terminava o prazo da multa.

E lá fui pelas ruas, ao lado da D. Gertrudes...

Misterioso o amor de uma mãe! Oito dias antes, ela queria meter o filho na cadeia porque lhe roubava tudo e não queria trabalhar. Insultou-o e que não o queria ver mais.

Hoje, ia eu meditando, a seu lado, o coração desta mãe, pronto a derreter-se em amor e ternura!

Quando, mesmo os que a tempo e coração inteiros nos dedicamos aos Outros, atingiremos este alto cume?!

Difícil escalar as encostas rochosas, que são os pecados e ingratidões dos filhos e daqueles que nos propusemos tratar como tais.

Aqui falham as técnicas e tropeçamos nós — se não assumirmos o «outro» até às últimas consequências.

Uma verdadeira mãe vai até ao fim: Tribunal, cadeia, hospital e cada-falso. E, na morte, ela ergue os olhos ao Senhor pelo «filho da sua alma».

• O mais profundo e maravilhoso dom numa verdadeira mãe (os que a tivemos podemos avaliar) é a gratuidade do seu amor. Ela nada espera, nada exige para si própria, dá, simplesmente.

Culmina aqui o caminho dum autêntico educador. Se não temos forças e coragem para o percorrer, deixemos, pois sem esse amor total e gratuito, faremos autómatos, revoltados e bajuladores.

Continua na página 4

## Aqui, Lisboa!

### Natal

Sai este número do jornal em vésperas do Natal, época profundamente marcada pelo nascimento de Jesus, mas assaz deformada na vivência comum das pessoas, mesmo nos ambientes ditos cristãos, quase a tornar-se uma festa pagã. Será caso para nos questionarmos sobre o significado que tem para cada um de nós, e as repercussões na vida individual, familiar e colectiva.

Ouvir-se-ão muitas palavras bonitas, com certeza; gastar-se-ão somas astronómicas em coisas supérfluas; os lugares de diversão encher-se-ão de gente ávida de prazer; haverá lautos banquetes ou comezainas; o comércio sofrerá largo incremento, com as lojas a abarrotar de gente; as crianças receberão muitos brinquedos; prendas valiosas serão trocadas; muitos aproveitarão a «ponte» natalícia para viagens ou passeios mais ou menos dispendiosos; etc., etc. Pensamos, porém,

que para a maioria nada se retirará da mensagem natalícia; nem para elas nem para o próximo.

O nascimento do Menino é essencialmente um acto de amor pelos homens, em ordem à salvação de todos, pela prática da justiça, pela vivência da paz, pela solidariedade de uns pelos outros, sobretudo com os que sofrem, pela reparação dos males feitos e por uma decidida e autêntica caminhada de conversão. Ao contrário, o Natal será uma mentira que nos choca, sem exemplaridade de qualquer espécie, antes com consequências nefastas pelo desvirtuamento do essencial.

Pela parte que nos toca, porque não queremos ser farisaicos, vamos apelar a todas as forças ainda disponíveis para melhor servirmos aqueles a quem nos confiamos, procurando estar atentos a todas as outras dificuldades e problemas dos irmãos mais carenciados ou em sofrimento de qualquer tipo, radicando no evento

Continua na página 3

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferencia de Paço de Sousa

• No reino dos Pobres o Natal é todos os dias...! E, num só, o vicentino acode a muita gente. Não pode parar! Temos de dar a mão sem perda de tempo. Que nos diz o primeiro Mandamento — que antecede o Mandamento Novo?!

O homem estava receoso. Não sabia que dizer...

— *O meu genro partiu a perna. Não trabalha. Vive em minha casa. Aquilo é uma desgraça...! Preciso duns sacos de cimento, e de cal, para compor a casa. Eles estão num cartico, chove lá dentro, q'ria ver s'o compunha.*

— Vamos ver a obra...

— *Sabe?, o dinheiro da minha reforma é pouquinho. Agora, tenho de os ajudar, também. Mal chega p'ra mim...*

Os olhos do homem humedecem. Cala-se repentinamente. algo sufocado. Depois, afirma:

— *A vida dos Pobres é assim, graças à Senhor!*

— Tenha coragem! O mesmo Senhor vai botar-lhe a Mão.

Levanta a cabeça. Murmura não se sabe o quê. Voz trémula.

Procedemos, então, à encomenda dos materiais necessários. Muda de semblante, quase grita d'alegria, invocando com mais força o Nome de Deus:

— *Demos graças à Senhor!*

• Outro pai. Temos feito, por ele, melhor, pela família, quase o impossível. Pertence à categoria dos novos Pobres; isto é, a sua integração no meio, em vez de progresso, gera retrocesso! São comportamentos natos da *sociedade de consumo*. Produz mazelas sem fim, não falando já das sequelas!

Curiosamente, o nosso homem foge do vicentino. A mulher é a *senhora das*

*dores*, incapaz de sustentar a curva descendente do marido.

Aliás, para casos específicos há vicentinos adequados — pelo seu feitio, pela sua maneira de ser. E persistentes. Não se doem com más recepções. Sacodem a poeira e tornam sempre até o Senhor bater, os corações se abrirem; e possam, então, anunciar a palavra certa — no lugar certo.

— *Ainda não fui capaz de topar o sr. ...!*, afirma o recoveiro dos Pobres. *Mas um dia, será...!*

Agora, surge um vizinho interessado no problema, desconhecendo as ajudas discretas dos nossos leitores — até a própria renda de casa. Vai tentar um lugar para o Pobre numa fábrica da vizinhança. Folgámos. Achega valiosíssima, de espírito comunitário. *Aonde está o que sofre que eu não sofra...!?*

O Natal é assim. A Mensagem, também.

• O dia, porém, não ficou por aqui!

A moça sofre um grave stress pelos trabalhos permanentes junto da mãe — doente incurável. O clínico opina o internamento. Evidentemente, em casos desta ordem, a passagem dos fins-de-semana junto dos seus é conveniente, pelos critérios da terapia moderna.

Hoje, aborda-nos muito debulhada: — *O povo não entende a minha doença. Não m'ajudam! Ainda por cima me prejudicam!*

Não é só o bom que a gente vê. Os Pobres também têm quem lhes queira mal! O espírito do mundo é assim.

Anunciámos, também, à pobre moça, a Mensagem de Natal. Sorriu, contente.

— *Esquece tudo...!*

Fica em casa com a pobre mãe, estmulada.

— *Nasceu o Senhor, o nosso Redentor. Demos graças ao Pai do Céu!*

**PARTILHA** — Os habituais 500\$00, de Vilares (Vila Franca das Naves). Mais persistência: quatro contos, do Fundão, com «os votos de constantes bênçãos de Deus». Mais, do assinante 17258, de Baguim (Rio Tinto), «para a renda de casa da Viúva». Um dar oportuno! Óbulo, de Coimbra, «para uma idosa necessitada», pela mão da assinante 9708. Af, na cidade dos doutores, repetimos, foi a *Universidade* de Pai Américo, no reino dos Pobres.

S. João do Estoril: «*Custa-me matar a fome e o frio, sabendo que há irmãos meus, neste preciso momento, a morrer miseravelmente! Resta-me rezar mais e, sempre que possível, enviar alguma ajuda. Aqui estou, pois, com cinco contos que vou conseguindo apurar, quase todos os meses, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. O meu santo pai — continua esta Amiga — que já foi, há anos, para o Céu, conheceu, em Moçambique, o Américo, o nosso santo Padre Américo! O mundo é pequeno...!*»

Vancouver (Canadá): «*Mais uma vez escrevo para enviar esta pequena recordação (vinte dólares) para ser entregue a quem mais necessitar. Como nos vamos aproximando do Natal, não quero que os nossos Pobres fiquem esquecidos*». Rico possessivo!: *nostros*.

Do Algarve: «*Aproxima-se o Natal, altura em que todos se deviam lembrar um pouco mais de quem precisa. Eu quero começar a preparar o meu Natal. Junto um vale, de 10.000\$00, destinado a uma família pobre com filhos carenciados — para aquilo que todas as crianças deveriam ter. Sei como a vida está e reconheço que é pouco. Mas há*

*tanto a quem acudir, infelizmente! Perguntarão: porquê tão cedo? Na altura do Natal há sempre muita aglomeração de correspondência e, como disse, começo a preparar o meu Natal que, depois da morte de meu marido, passou a ser procurar ajudar o Próximo dentro das minhas limitações. Gostava de sentir, na noite de Natal, a alegria de saber que em alguns lares pobres haverá uma ceia tradicional, por meu amor para com os Pobres. Peço anonimato. Não quero agradecimento para casa*».

Assinante 16696, de Venda do Alcaide, um cheque, pedindo, também, «*para não acusarem recepção e fazerem uma referenciazinha n'O GAIATO, pois não pretendo que o meu nome seja mencionado*». Espírito cristão!

Assinante 31104, outro «*cheque, referente ao mês de Novembro. A referência n'O GAIATO é suficiente para quem é tão imperfeita — como eu. E o saber que rezam por mim é-me consolador*». O valor da oração!

Cinco mil, do assinante 25422, de Vila Nova de Gaia, para se aplicarem «*onde melhor entenderem, por uma intenção. Pai Américo intercede, Deus escuta*». O dobro, do Furadouro, por uma intenção muito especial; e, também, para «*acudirem a alguma aflição*». São tantas! Mais dois contos, de algures, para uma viúva «*a cargo da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa*», pedindo desculpa de mandar só hoje! É bom que as viúvas continuem na ordem do dia!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**FUTEBOL** — Relembramos os nossos estimados leitores que temos falta de esféricos e de equipamentos de futebol. Estamos parados!

**VACARIA** — Mais crias! Uma vaca deu à luz dois gémeos: um casal de vitelos. A mãe não teve problemas e, desta vez, não vieram os veterinários.

**CARAS NOVAS** — Quatro rapazes vieram para a nossa Casa. Não tinham família. Agora têm uma família de cento e oitenta irmãos.

Muitas pessoas pensam que a Casa do Gaiato é um colégio! Não é. É para os sem família.

**NECESSITAMOS** — De senhoras que queiram ajudar a nossa Casa. As que estão cá, já são muito idosas e não podem com a vida. Deram o que podiam e ainda dão tudo.

**FUGAS** — Muitas vezes, os caras novas, em nossa Casa, não se sentem logo bem, por não estarem habituados à vida ideal e fogem.

O Jorge veio de S. João da Madeira. Não tinha pais. Estava com a avó, já muito idosa. Passados três dias fugiu. Voltou à tarde. Fugiu outra vez e foi apanhado pela GNR de Valongo. Eu e o nosso Padre Carlos fomos buscá-lo, à noite. Passada uma semana, fugiu novamente. É a rua que o chama. Voltou novamente e esperamos que seja para ficar!

**UM PEDIDO** — Para alimentarmos, suficientemente, as máquinas de impressão da Tipografia — que ser-

vem de base à nossa formação profissional, na nova oficina — pedimos aos bons amigos que façam o favor de repartir connosco encomendas de trabalho necessário aos vossos escritórios e empresas: sobrescritos, cartas, mapas, cartões, fichas, livros de facturas, guias de remessa, talões, etc., etc.

Esperamos a melhor receptividade dos Leitores. Não há melhor ajuda que darem-nos a mão com trabalho, a fim de nos prepararmos com vista ao futuro de cada um de nós — que viemos da Rua.

**Mais: Ninguém duvida que a Indústria Gráfica precisa de trabalhadores qualificados, pois estamos integrados no Mercado Comum...**

«Andorinha»

## MIRANDA DO CORVO

**AZEITONA** — Continuamos na apanha da azeitona! O Abílio foi levar mais umas carradas ao lagar.

Já temos cerca de 900 litros de azeite e ainda não está a maior parte apanhada. Também andamos a podar as oliveiras, cortando os ramos mais carregados para nos facilitar quando se varejar.

**OBRAS** — Os pedreiros continuam a construção do muro já que o tempo melhorou um bocadito. Bom sinal, porque, assim, pudemos apanhar a azeitona mais depressa e os pedreiros também podem avançar. Dois trabalhos que requerem bom tempo.

**DESPORTO** — Em 26 de Novembro realizámos mais um desafio de futebol que deixou a nossa equipa bastante surpreendida.

Na primeira parte o jogo foi muito bem disputado por ambas as equipas, terminando com um empate a uma bola.

Na segunda parte o prélio foi de boa qualidade. Houve muitas oportunidades de golo para ambas as formaturas, mas a nossa equipa conseguiu ultrapassar melhor as dificuldades, acabando por concretizar: 4-3 a nosso favor.

**MAGUSTO** — No fim-de-semana passado, tivemos dois grupos de amigos que realizaram um magusto connosco. O primeiro, de escuteiros da nossa vila. Cozemos castanhas e, depois, levámo-las para o nosso salão, acompanhadas de pão quentinho. Fizemos um convívio.

O segundo grupo vem todos os anos, das paróquias de S. José e Santa Cruz (Coimbra), fazer, também, um magusto connosco. Obrigados.

Serafim e Ângelo

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Vimos informá-los de mais um caso de entre muitos que infelizmente existem.

Como é do vosso conhecimento, temos vindo a angariar fundos para a construção da casa da D. Maria do Céu. Contudo, até ao momento, ainda não nos foi possível iniciar a construção, porque o consentimento camarário teima em demorar.

## IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Nós revelamos este facto, pois a D. Maria do Céu vivia no 1.º andar de um pardieiro com duas famílias. Uma delas, que já conhecem, é a da D. Antonieta que tem problemas de saúde, para além da resistência demonstrada pelo marido em contribuir para o bem-estar da família.

O local onde viviam não oferecia segurança e uma noite aconteceu o inevitável: A casa ruiu, originando o desalojamento das pessoas que ficaram sem um tecto para se protegerem, para além dos seus bens que se perderam na catástrofe.

Como devem imaginar, essas famílias, apesar de fisicamente não terem ficado afectadas, moralmente sofreram um grande choque, uma vez que perderam o seu cantinho.

Presentemente, estes dois agregados encontram-se em situação precária: dormem num parque infantil que não oferece condições, uma vez que sendo uma divisão ampla (onde as crianças se protegem das intempéries) têm que dormir no chão. É o mais doloroso: têm crianças. A D. Antonieta, duas; a outra, três, a mais velha apenas com seis anos.

A Junta de Freguesia envia esforços para melhorar a situação dos desalojados, pagando refeições numa tasca até que consigam a difícil tarefa de obter uma casa com as condições minimamente necessárias para se poder viver.

O Natal está à porta e, perante o panorama deveras chocante e degradante — vivem numa situação precária, tanto moral como materialmente — mais uma vez apelamos para o vosso coração generoso com o objectivo de proporcionarmos que surja luz no fundo do túnel para estes nossos pobres irmãos.

Com a época natalícia a aproximar-se, ao contrário de muitas crianças que têm tudo, pensem na alegria que estas sentiriam se recebessem uma simples prendinha com o carinho tão necessário para o seu desenvolvimento.

Na verdade, umas migalhinhas que porventura vos sobejem, não receiem de as conceder a estes Pobres, carentes de conforto e carinho que certamente darão um novo significado às suas vidas, evitando que entrem na angústia e no desespero.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — De pessoas amigas, de Cascais, que recebem a Sagrada Família nas suas casas, 7.090\$00; assinante 6313, cheque de 10.000\$00; anónimos, 11.000\$00; Maria Etelvina, vale de 5.000\$00; 7.000\$00 para o leite dos meninos de uma nossa Pobre; anónimo, com pequena migalhinha para ajuda de uma mãe em dificuldades, 6.000\$00; da assinante 7763, três lençóis e 500\$00; de uma viúva reformada, há dez meses, 500\$00.

Com certeza o Pai do Céu vos abençoará.

Casal Vicentino

## Livros de PAI AMÉRICO

**Pão dos Pobres** (4 volumes; o 2.º, esgotado); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

**DOUTROS AUTORES:** Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz.

# NOVOS ASSINANTES DE «O GAIATO»

A correspondência dos leitores esmaga-nos, todos os dias! São almas ardentes. Corações a pulsar com a Boa Nova. Rectaguarda da Obra da Rua. Não é para admirar que Pai Américo fizesse deste pequenino mensageiro o seu jornal — o seu diário. Uma vez, disse — está escrito: «Naquele tempo, se os primeiros apóstolos tivessem os meios (de comunicação social) d'hoje», a Mensagem abarcaria o Universo.

## Ser assinante é ser leitor

Escutemos a assinante 19839: «Ser assinante é ser leitor». Não concebo de outra forma O GAIATO. Leio-o avidamente, de ponta a ponta, e sinto-me pequenina perante a Obra da Rua.

Se estivesse perto das vossas Casas, poderia ajudar os 'Batatinhas' a combater o insucesso escolar — de que falaram... em edições anteriores. Fui professora, mas estou afastada, há alguns anos, do ensino, trabalhando agora numa empresa onde falta a comunicação humana, a nível de professor/aluno e toda aquela relação de escola onde todos continuamos a aprender. Hoje, a vida é dura nos aglomerados urbanos. Quantos precisam de ser toçados pelo Famoso! Não falta o dinheiro, o que falta é amor — amor e respeito pelo Próximo.

Vou enviar o endereço de colega que é Secretário de Estado. Por vezes, é necessário colocar o dedo na ferida. Vamos tentar sensibilizar e aguardemos que Pai Américo e Deus façam o resto. Envio, também, a morada duma menina a quem estimo muito e, como tal, não gostaria se conspurcasse neste mundo

de violência e ódio. Junto, ainda, outro endereço de antiga colega da Faculdade, pois além de ter já o seu Doutoramento, é semelhante a Santa Tereza de Ávila — a passar pelo mundo. Se tiverem oportunidade, mandem uma pequenina mensagem a todos.»

Aqui está, pela sua mão, pelo seu coração — anónimo.

## «O GAIATO» nos Seminários

O Fogo d'O GAIATO permanece nos Seminários. Pai Américo teve sempre uma grande predilecção pela motivação dos jovens que se prepararam para o Sacerdócio. Além do mais, os Padres da Rua são Pais das nossas Comunidades — os nervos da Obra da Rua. Também arautos da Mensagem que a Obra da Rua, por natureza específica, irradia pelo Mundo. Jamais estivemos virados para dentro, para o nosso umbigo. Ela é um facho de luz da Luz que se projecta nos homens de boa vontade.

Por isso, como nos alegra a presença viva, nesta procissão, de mais quatro moços candidatos ao Sacerdócio, no Seminário de Coimbra onde Pai Américo — após a martelada — se preparou, recebeu a Ordenação e, qual «Padre sem ouro nem prata», cimentou-a junto dos Pobres mais pobres da Lusa-Atenas, até fundar a Casa-Mãe da nossa Obra, em Miranda do Corvo, sem mais nada do que o Amor de Cristo pujante no seu coração de Homem de Fé.

## Convicção

Não é de estranhar, por ser todos os dias, à hora do correio, em car-

tas que chegam a nossas mãos, um leitor de Arronches, das planuras alentejanas!, afirme convictamente: «É com grande emoção e, ao mesmo tempo grande alegria, que recebo O GAIATO. Deus continue a abençoar tão sublime Obra, e seus colaboradores, a favor dos que nada têm. Junto um cheque para a nova assinatura de (...) e, o que sobejar, para o que for mais necessário.»

Amigos que motivam amigos: «Peço uma assinatura para o endereço que vou mencionar (...). Também quero oferecer uma assinatura a um amigo meu (...), mas peço completo anonimato. Que Deus esteja sempre convosco — no vosso trabalho». É Coimbra, novamente, a falar! Viva a cidade dos doutores!

## Juventude

Para além de cativarem pessoas do mesmo estrato etário, os adultos não esquecem os mais jovens: «Desculpem-se vos esqueci, mas nunca vos esqueço nem à vossa Obra. Só que nem sempre posso fazer o que desejo. Vou pedindo a Deus que vos ajude e mande 'mães' que tanto necessitais — nas Casas do Gaiato. Junto um cheque e, também, o pedido d'O GAIATO para duas jovens (...).»

Ainda nesta linha, e já que «para comunicares a paz aos outros estabelece-a primeiro no coração» — epígrafe da carta — escutemos outra presença: «Costumo visitar uma grande amiga d'O GAIATO. Disse que recebia o jornal e deixaram de o mandar. Pediu para mandar um cheque para a Obra da Rua, para o jornal. Dizia: 'Apesar dos meus 87 anos, é sempre com alegria que leio O GAIATO e, por isso, peço para m'o enviarem.'»

Mais gente ansiosa pelo Famoso: «Há pouco tempo, fiz uma viagem com uma senhora e, na conversa, entrou a Casa do Gaiato e ela ser assinante do jornal. Será que eu também poderia ser assinante? Gostava que me falassem da vossa Obra, das vossas carências. Eu não sou rica, mas gosto de colaborar.»

Que dizer daqueles ou daquelas habituados a receber O GAIATO da mão dos pequeninos distribuidores e, agora, em certos locais já batidos pelo nosso Padre Carlos, se vêem sem o Famoso? Não perdem tempo!: «Sempre comprei O GAIATO aos pequenos que vinham aqui, a Espinho, o que desde há bastante tempo não se verifica. Segundo me informaram, a distribuição deixou de ser feita pelos rapazes e somente se adquire o jornal por meio de assinatura. Sendo assim, queiram anotar-me como assinante.»

## No seio das famílias

No seio das famílias, o pregão d'O GAIATO continua na ordem do dia: «Sou assinante d'O GAIATO, há já algum tempo. Coube-me o número 6587 e, como penso que os meus netos devem começar a conhecer as agruras das crianças que,

infelizmente, não nasceram como eles (podemos dar graças a Deus), dizia eu, as agruras dos sem casa e dos sem pão, rogo que aceitem a assinatura de todos para nas suas próprias casas principiarem a receber O GAIATO. São eles (...).»

Em sentido mais lato, esta presença não pode falhar: «Envio x escudos para mandarem o jornal a mais dois afilhados que tenho e quero que conheçam a Obra do Padre Américo.»

## Os Médicos respondem

Queríamos dar já nota da campanha encetada por um casal de Médicos, com a colaboração da Ordem dos Médicos. Chegam assiduamente novos assinantes! Alguns, surpresos. Outros, radiantes. Todos, de mãos dadas — felizes com a ideia. Em próxima jornada, lá iremos.

Mas não podemos deixar de acentuar a chegada de novos leitores oriundos da Europa Central (Stuttgart e Darmstadt — Alemanha Federal); da América: Manitíboa — Canadá; e de África: Angola. O GAIATO percorre os caminhos do Mundo!

Júlio Mendes

## AQUI, LISBOA!

Cont. da página 1

de Belém toda a nossa acção no período que nos resta para viver. Deus nos ajude e os melhores votos para todos os Amigos.

## Mãe de Família

Se nos fosse possível, à maneira dos tempos da nossa meninice, pôr o sapatinho no fogão, esperando a passagem do Pai Natal, fá-lo-íamos impetrando a dádiva de uma senhora generosa, com força física e anímica, capaz de superintender no sector das roupas (rouparia e lavanderia), zelando pelos valores confiados e pondo ordem num sector vital da Casa, muito carenciada desde a morte da saudosa D. Virgínia, com a autoridade toda própria de uma Mãe de Família.

## Medalhas e Diaporamas

Vamos, como todos sabem, entrar nos cinquenta anos da Obra. Dispondo ainda de algumas medalhas do Centenário de Pai Américo e de alguns diaporamas sobre a sua vida, vimos lembrar o facto aos nossos leitores.

A propósito, não queremos deixar de referir a colaboração prestada pelo nosso grande amigo Sr. Franco Gravador, que vendeu cem medalhas, a título gracioso, durante os anos de 1987/1988 e que continua a receber no seu estabelecimento todos os donativos para a Obra.

Padre Luiz

## DOCTRINA



Ao que foge para não dar, basta-lhe essa infelicidade para merecer, em vez de crítica, compaixão.

• Agora que começou a maré dos peditórios, feitos nas igrejas da cidade (de Coimbra), a favor das Colónias de Campo, repete-se a observação amiga dos mais anos: «Você podia tirar muito mais se pedisse melhor». Querendo-se dizer com isto que eu deixo muitos lugares em branco. Eu, porém, não leio nem entendo assim. Não se trata de réditos de benefício nem de serões de arte, tão pouco nenhum daqueles actos sociais onde se paga a entrada para gozar a festa. Não. Naquele lugar e momento (hora da Missa, na igreja) tudo muda de feição; e os presentes, sendo os mesmos das festas mundanas, também mudam de sentimentos. Quando o pregador, depois de haver dito o que pretende, desce a pedir aos circunstantes, já tem lançado no coração de todos a boa disposição de dar; e se entre as multidões alguns há que se escondem, não serei eu quem os vá procurar. Glória a Deus nas alturas e paz, em baixo, aos de boa vontade.

• Tenho deixado e hei-de deixar sempre em branco os que não quiserem chamar por mim, quando passo sem os ver. Pois se eu venho de tão longe para lhes fazer bem, que muito que eles arrisquem um passo e um pobre «tome lá» em paga do que lhes don?! Não; não leio nem entendo assim. A esmola que não for puxada do coração nem dada com alegria, não aproveita ninguém. Mas não. São excepções, estes senhores preguiçosos. A regra é diferente. Tudo acode; todos procuram lugar ao sol. Chamam por mim, puxam-me pelo braço, sacodem as carteiras. Quem não traz dinheiro lança jóias, selos postais ou vales escritos na maré, com nome e morada. Outros mandam ou procuram no dia seguinte, num «tome lá que eu não ia prevenido».

• No último domingo, na Sé Nova, com guerra e até, possivelmente, por causa dela, deram-me muito mais dinheiro do que no ano passado. É um erro supor-se que «as coisas estão feias». Se olhas para o mundo, sim; mas Deus é a Beleza Incrível! Nem tão pouco necessita dos teus pobres dinheiros para acudir às necessidades do Pobre — Ele, Senhor de tudo, *mea sunt omnia*, que dá de comer aos passarinhos... e também quer dar a ti!

Cont. na pág. 4

## CANTINHO DAS SENHORAS

Estamos próximos das «Bodas de Ouro» da Obra da Rua. Que o Pai Américo peça ao Pai do Céu uma grande bênção para a Obra que deixou, como aquele casal que, há dias, aqui apareceu. De pequena estatura, vestidos decentemente mas de coração cheio de bondade. Vinham cumprir uma inspiração que haviam tido: dar uma ajuda para educar um missionário — pensando eles que havia muitas vocações nesta Casa.

Eu disse-lhes que cada um escolhia o que queria, mas que tínhamos professores. E eles responderam, dizendo que «um professor pode ser um grande missionário».

Continuando, disseram que eram pais de dez filhos, a mais velha religiosa, outra com 24 anos, já com a sua escola. Deus chamou-a; não conseguiu cá na terra a sua missão — «ser missionária».

A mais nova está solteira.

Têm dez netos, mas ainda estão com muita coragem, nesta sociedade tão corrompida.

Despediram-se com lágrimas nos olhos e eu fiquei na mesma.

Para mim, serviu-me de grande meditação a conversa deste casal. Se houvesse muitos casais destes, o mundo seria melhor. Há tantos que vivem nas suas comodidades e não se lembram daqueles irmãos que sofrem a seu lado grandes necessidades. Se nós todos seguíssemos as pegadas de Pai Américo, construir-se-ia um mundo melhor.

A Obra da Rua é também um campo de missão para as senhoras que estão disponíveis e querem oferecer as suas vidas.

Maria da Luz

# Tribuna de Coimbra

# SETÚBAL

## Prendas de Natal

☆ Todos os dias chegam prendas para os meninos Jesus, embora as prendas de Natal sejam mais e mais volumosas. Eis o que nos chegou, de meados de Setembro até fins de Novembro:

Mil, de Castelo Branco; mil, de Canas de Semide; cinco mil e roupas, de casal de Vila Real; três mil, de Figueira da Foz; quatro mil, da mesma terra; cinco mil, de Lisboa; quinhentos, mais dois mil, de Coimbra; dois mil, de Braga; cinco mil, de Lisboa; dois mil, de Guimarães; cinco mil, pelo pároco de Pombal; a senhora, de Montemor-o-Velho; dez mil, da Figueira; e o mesmo de Castelo Branco.

Duas carradas valentes de batatas, feijões, cebolas e 8.960\$00 em dinheiro, de Chãs, Leiria. Que rica oferta! É um povo que reparte do fruto do seu trabalho que Deus abençoa.

Mil, de Coimbra; cinquenta, de Figueiró dos Vinhos; três mil, de Coimbra; cinquenta, mais mil, de Tomar; desta mesma cidade, pelos vendedores d'O GAIATO vem sempre um saco, ou dois, de carne que nos faz muito jeito; vinte e quatro, de Coimbra; cinco, de Amigos, de Bruscos; o amigo Manuel enviou mais 150 francos suíços; quinhentos, de Avelãs de Cima; quatro mil, de senhora de Lar de Espinhal; a Amiga, de Vilar Formoso; cinco mil, de Porto de Mós; dez, de anónimo, de Lisboa; quarenta, de Coimbra; o vale mensal, de Amiga, de Mira.

A Maria Teresa, que foi sempre da Casa do Castelo, agora reformada e que faz companhia ao marido na sua lojinha, na Avenida Sá da Bandeira, entregou três mil, que lhe deixaram. A Casa do Castelo continua com suas portas abertas. Há dias, entregaram cem, mais cinco mil, mais mil, mais mil, mais quinze mil, mais mil.

Dez, por sacerdote, do Seminário de Cernache; 7.750\$00, de Amigos, de Cascais; dez, de Amiga, de Parede; quinze, de sacerdote, de 80 anos, na sua aldeia; dois mil, mensais, de casal, de Coimbra; cinco mil, de grupo de Ceira; setenta, de penitente, da Choroza; dois mil, de Amiga, de Cabaços; três, da Figueira; cinco e meio, de visitantes; vinte, de casal sempre muito amigo, de Castelo Branco; dez, da velha Amiga, de Medelim; vinte, de sacerdote, de Sever do Vouga; dez, de Castelo Branco; dois, de promessa; vinte, de visitantes; dois, de Condeixa; cinco, do Fundão; e Amiga, de Alcorochel; mil, e móveis, de Coimbra; todo o recheio de casa de Amigo, de Coimbra, que Deus chamou e os herdeiros nos quiseram oferecer. Veio mesmo na hora certa!

Cinco, no nosso Lar; o mesmo, por uma graça; 16.500\$00, da Comissão de Marvão, de Covões; dois, de Amiga, de Soure; cinco, de Coimbra, a recordar o irmão; dois, de visitantes; dois, do casal das Meãs; três, do casal de Pereira; quinze, de Coimbra; cinco, de Celorico da Beira; mil, de médico, de Azeitão; quinze, no nosso Lar; 3.500\$00, de Almeirim; mil, de Marinheiros, de Leiria; vinte, de Foz do Arouce, por um prémio que recebeu. Que belo gesto de partilha!

Cinco, de anónimo; dois, de Vila Rosendo; cinco, de Leiria; cinco, de sacerdote, em nossa Casa; cinco, da Covilhã; três, de Montemor-o-Velho; três, de Tomar; quinhentos, de Sassocieiros; cinco, mais cinco, de Coimbra; mil, de Podentes; dois, de Anadia; quatro, de Leiria; dez, de mãe, de Mealhada; dezoito, de Coimbra; catorze, de anónimo; cinco, de outro; dez, de outro; dez, e magusto, de cantores e jovens, de Coimbra; três, da Irmã Aquilina; cinco, da Curia; três caixas de bacalhau do senhor da Gafanha, onde fui comprar; uma carrada de maçãs; várias caixas de fruta, de vizinhos. Que saborosa toda esta fruta!

## REFLECTINDO

Cont. da página 1

• Já nos corredores frios e desumanos daquele tribunal, continuei pensando:

Decisivo no comportamento dum educador, o equilíbrio entre a exigência do dever cumprido e o carinho e amizade transparentes. Entre educador-autoridade que trata e orienta a pequena haste no crescimento e o educando, pessoa-livre, com a liberdade de crescer.

... Lembrei, neste momento, o carinho da mãe cegonha para os filhos, no campanário da minha aldeia. Porém, na aprendizagem do voo, sob o olhar atento da mãe, um deles caíu e morreu. Ele tinha que aprender a voar contra todos os riscos.

Finalmente, a pérola da confiança... Sem ela, a casa ficará destelhada.

Ela é a fonte, única, donde brotará o sentido de responsabilidade.

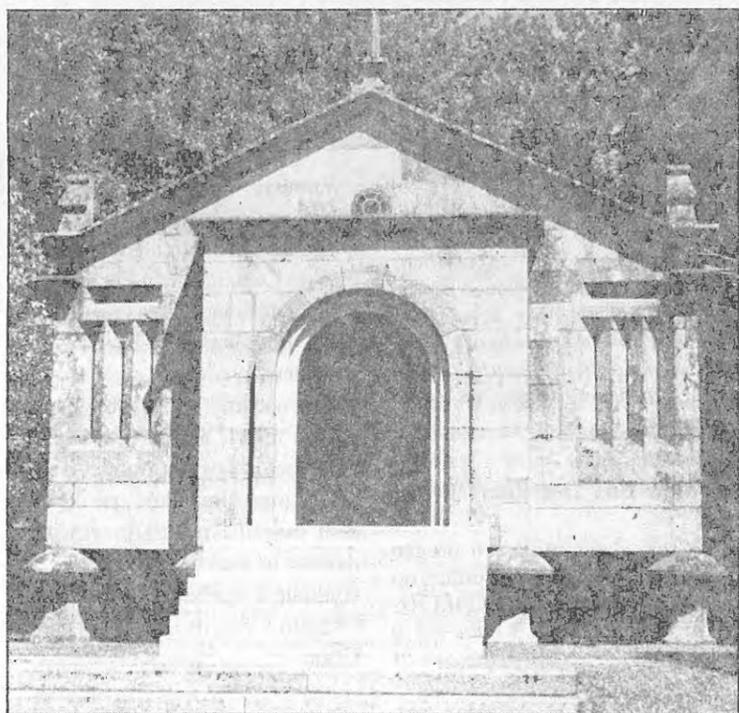
Padre Telmo

Padre Horácio

## CALVÁRIO

O velho espigueiro, monumental em seus cogumelos de granito e colunas oitavadas, também em pedra, adaptou-se a Capela, servida por larga escadaria que trepa por sobre tapete de relva macia. A inauguração desta, marca o primeiro aniversário da morte de quem sonhou e amou em primeira mão o Calvário — Pai Américo.

Padre Baptista



## Deveria ser proibido viver em barracos, etc.

Sabemos, por experiência longa, que a falta de casa não é a única causa degradante das famílias e que o uso de uma habitação não a condiciona exclusivamente. Por isso, na grande parte das circunstâncias pode proporcionar-se morada decente para uma família degradada, deve ofertar-se-lhe concomitantemente apoios de outras ordens: humanos, religiosos e sobrenaturais. Embora a casa seja um factor basilar, não basta. É evidente que ela é a pedra de toque, o alicerce, o sine qua non para que uma família se instale, se conserve, progrida e se projecte.

Tudo o progresso deveria começar por aqui, o ter como meta primária proporcionar a todas as famílias o tecto capaz e adequado ao número e condição dos membros de cada uma.

Teríamos, então, uma política social bastante acertada, comunemente aceite e extraordinariamente rentável.

Viver em quartos, barracos, tendas, vãos de escada, mansardas, etc. deveria ser proibido.

Isto não acontece porque ninguém põe no seu coração a dor dos sem casa. Quando alguém sofrer no seu coração, com seriedade — não com fingimento para fazer política ou figura — aparecerá a força e a capacidade para pôr de pé as habitações necessárias e destruir-se-á do meio de nós os terríveis aviltadores e vergonhosos bairros de lata onde tantas famílias portuguesas, por nossa culpa, caminham aceleradamente para a sub-humanidade.

Não acredito em denúncias quando elas não se fazem acompanhar de actos contrários e vidas coerentes.

Que valor terá anunciar a pobreza ou manchas de pobreza nas cidades e aldeias e viver-se à grande, fazendo digressões pelo mundo com comitivas enormes, banquetes sumptuosos e aparato opulento?

Não se pretenderá, antes, fazer política em proveito próprio à custa da desgraça?... E que desgraça!...

## A denúncia cristã deve ser profética

A denúncia cristã deve ser profética. Isto é, quando se trata de sofrimento ou injustiça tem de ser acompanhada de acções heróicas, testemunho inquestionável de dor e de comunhão com as vítimas.

O Património dos Pobres nunca pretendeu nem agora deseja resolver o magno problema da habitação do País, mas denunciar, vigorosa e profeticamente uma injusta distribuição de bens essenciais e um verdadeiro atentado à dignidade das famílias mais pobres.

Fá-lo heroicamente pois leva os cristãos a privarem-se, às vezes, do necessário — a daquela mulher que não compra fruta para si, para poder ajudar os Pobres — construindo, ajudando a construir casas, alargando, criando condições de higiene em habitações antigas, etc.

## Desabafa um Pároco

Fá-lo pobremente. Para ajudar os Pobres é preciso ser-se pobre. A um pároco que desabafa comigo as enormes carências da sua gente, no campo habitacional, respondi: — Faça-se pobre. Não diga como os pagãos: — V. fala assim porque tem dinheiro, nome, fama, etc. Os pagãos é que assim pensam e se desculpam atirando sempre a «batata quente» para os outros. Eles é que devem mudar. Eu nada tenho de me converter.

Ponha as suas próprias dores às autarquias, às empresas, ao comércio da sua localidade. Pregue insistentemente na sua comunidade cristã, distinguindo bem qual é o sinal dos cristãos e qual o pensamento do mundo. Olhe que este, materialista, calculista e hedonista domina, hoje, radicalmente, as consciências e estas precisam de sinais evidentes para se converterem... Ajudarem... Acreditarem... E sentirem a salvação.

## Se o nosso comportamento pessoal...

Se o nosso comportamento pessoal não for como o de Jesus, e ficar no limite dos políticos, dos sindicalistas, ou de qualquer reivindicador ainda que justo, não irá muito além do seu prestígio pessoal e nada mais.

Quando as obras aparecem, não haverá forças que resistam à sua exigência. Quem assim manifesta a sua comunhão com os Pobres remove montanhas, planta amoreiras no alto mar e goza extraordinariamente a sua fé.

Fá-lo dignamente. As casas construir-se-ão com as dimensões exigidas para uma vida decente. Terão a aparência e o conforto da nossa, oferecendo alegria de viver e gosto de habitar. Nunca como os outros: «para quem é, bacalhau basta».

## Feliz Natal

Feliz Natal, se reduzíssemos todos, ao menos em metade, os gastos supérfluos e até prejudiciais: bolos, guloseimas, enfeites, brinquedos, prendas, festas, passeios, etc. E daríamos já uma contribuição significativa para rasgar este caminho de luz que nos levará à verdadeira Luz de Belém.

Padre Aclio

## DOCTRINA

Cont. da página 3

• Vem amanhã à Missa do meio-dia na igreja de Santa Cruz. Talvez não tenhas ainda reparado bem na rara peça de arte que é o púlpito do famoso templo! Hás-de gostar. Passa palavra. Tendo em casa visitas, vem mais elas, se queres saborear a alegria dos discípulos de Emaús!: «Quem vos escuta, a Mim me escuta».

• Quero aqui fazer referência a «Alguém» que desejava conhecer, para beijar a mão ao que deixou na Gráfica um pacote de roupas com a legenda: «Gaiato». O dar é uma arte divina; complexo majestoso de muito acerto, de muita oportunidade, de muito saber e de muito amor de Deus. Dois dos pequenos da Casa foram a Coimbra visitar suas famílias, vestidos com roupas do precioso dado, tendo ouvido dos pais um «oh! meu filho que nem te conheço, tão lindo vens!»

*Padre Américo*

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)



# Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285  
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788896